



Para o estudo das tradições populares

Dirigida por José da Silva Vieira

NOSSA SENHORA DOS MARTYRES

Candida Virgem dos Martyres,
Formosa Virgem Maria,
Estrella do ceu fulgente,
Clara luz do claro dia!
Contar todos seus milagres
Quem conta-los poderia?
De todos o mais patente
Acha-se ahí n'essa villa
De Castro Marim chamada,
Que já foi da moiraria.
E' este santo milagre,
De tal poder e valia
Que em Portugal e Castella
E mais ainda em Berberia
A quantos bem o conhecem
Faz espanto e maravilha!
Era um christão que passava
Negra vida que tenuta
Debaixo de duros ferreos
Lá para as bandas d'Arzila.
Captiveiro mais penoso
Outro christão não havia.
O perro moiro infiel
Que o comprara em Almeria
Por seguro se não dava
De que lhe não fugiria,
Sempre o maldito do perro,
Que receoso vivia,

Maltratar o pobre escravo,
Com a ferrenha mão soia.
Já invenção lhe faltava
De como elle o guardaria,
Mandou fazer um caixão
Mui forte em demasia,
E n'elle sem mais detença,
O triste christão mettia:
Mas por certo inda não dava,
Apezar do que fazia,
Aquella mente maldita
Em mil arreceios ardia.
Nova ideia de tormentos
Alma lhe enche de alegria.
Com uma grossa corrente
De pès e mãos o prendia.
E ainda sobre o caixão
O indio perro dormia.
Negro pão e agua turva
Era o manjar que tenia;
Mas uma ardente esperanza
Que na Virgem Santa havia
Vida nova lhe apontava
Sobre a que já lhe fugia.
A Virgem, Mãe Soberana
Invocava noite dia
Para que lhe desse n'alma
Vigor que se lhe extinguia,
E que de todo o livrasse
De tão dura escravaria.
A santa Virgem dos Martyres,
Que todo seu rogo ouvia
D'aquelle espirito afflicto
Muito bem se condia.

O caixão que em terra estava,
 Cercado d'agua se via
 E com o perro do moiro
 Que em cima d'elle dormia,
 A' tona d'agua boiando,
 Tres dias assim corria.
 Já despontava a manhã,
 A manhã d'um claro dia;
 Novas areias se mostram;
 Outros ceus, outra alegria!
 Da torre o gallo tres vezes
 Este milagre annuncia;
 Os sinos do campanario
 Repicavam à porfia
 Sem que ninguem os tangesse,
 Porque tudo inda dormia.
 O ladrar de muitos cães
 Em todo o mar percutia,
 Quando o perro ouvira os sinos,
 Sobretudo se doria,
 Que junto de terra estranha,
 Terra que não conhecia,
 Por sua desventura,
 Com sen escravo se via!
 Encalhado em fina areia,
 O mesmo caixão se abria;
 Com rosto mais que magoado,
 O moiro ao escravo dizia:
 —Christão, que paiz é este?
 Na tua terra christão,
 Cantam gallos á profia,
 Tocam sinos, ladram cães.
 Logo ao despontar do dia?
 Esta terra sei que è minha,
 Mas eu não a conhecia,
 Na minha terra, senhor,
 Cantam gallos á profia,
 Ladram cães, repicam sinos
 Logo ao despontar do dia.
 Assombrado o sarraceno
 Do que do christão ouvia.
 Sem mais pergunta fazer-lhe,
 Da corrente o desprendia.
 —Ergue-te, christão, perdoa-me
 Todo o mal que fazia;
 Até hoje eras meu 'scravo,
 Teu 'scravo sou n'este dia!

Para ver este milagre
 Toda a gente corria;
 Com seus gibões encarnados
 Os da justiça assistiam.
 Já todos vão, já se partem
 Caminho da santa ermida,
 O moiro com viva crença
 O baptismo requeria.
 Eis que aos pés da Virgem santa
 D'agua uma fonte se abria
 Tão chrystaina e tão pura,
 Que a todos pasmar fazia.
 Com esta água bemdita,
 Agua de tanta valia,
 Foi logo alli baptisado
 O moiro da berberia.
 Baptisado o sarraceno,
 Ao pé da fresca fontinha
 Se formara um lindo mar,
 D'aquella agua que corria.
 E para maior milagre,
 Ao cabo de sete dias,
 Mesmo no meio das aguas
 Um verde freixo nascia,
 Que o que mais maravilhava
 Era ver como crescia.
 Desde então ficou a virgem
 Tendo grande romaria,
 De Portugal e de Castella
 Tudu alli corre em seu dia.

Estacio da Veiga.

Miscelania Folk-lorica

—Em louvor de S. Joaquim,
 se pegou, pegou; senão fica assim.

—Pelo S. Thiago apinta o bago,
 e pelo S. Lourenço, vae á vinha e enche o lenço.

—Maio pardo, anno farto, mas
 nem tão pardo.

—Ramos (domingo) molhados
 carros carregados.

—Chovendo no domingo de

paschoa, apodrecem as nozes.

—Morra Martha, mas morra farta.

—Adeus Manoel

Adeus é para quem morre.

—Viva o meu amigo, se é que o é.

—Aquelle é amigo de Peniche.

—Aquelle è falso como Judas a Christo.

—Não me venhas dar os dias santos.

—Fino como o azougue.

—Esperto como um alho.

—Vae á tabúa.

—Vae à fonte limpa.

—Vae aquillo que já foi pão.

—Vou escoar o peixe (mejar).

—Vae tratar das bombas que é officio leve.

—Bôa vae ella.

—Olha que eu zurro-te (bato-te).

—Olé, tem cavallo e andá a pé?

—Bons dias tio Mathias.

—Ora o canudo.

—Podre é o diabo que não tem nada de seu.

—Emcommenda-te a Deus, que ao diabo não faltará quem te encommende.

—Agora meu amigo contas e borracha.

Foste por cavallo e vieste por burro.

—Os de Braga tem o cú d'arroz.

—Que fazes fulano?

Pão grande para ter bôa venda.

—Adeus Jabel (Izabel) o teu favo já tem mel?

—Adeus Maria, o teu melro canta e o meu sobia.

—A preguiça nunca criou bós

filhos.

—Alegres olhos que o veem.

—Mul-russa como faz cuida.

—Adeus meu malvas.

—Adeus minhas encommendas.

—Vá Deus o leve onde não faça mal.

—Adeus compadre fava secca

—Vá para Deus e morra santo.

—Olho vê, mão pilha.

—Fulano é um jangadas (mal feito).

—A pé e enrola a manta.

—Oh Anna aqui ou na cama? aqui que me dá gana.

—Mãos frias, amor vadio.

—Mãos quentes, amor para sempre.

—Luiz carraxis, tira a caca do nariz.

—Olarè que assim é.

—Então que tal está o da rabeça.

—Não assa quantos espeta.

—Então? galinha com leitão.

—Que horas são? falta dez reis para meio tostão, uma sardinha para um quarteirão e um soldado para um batalhão.

—Conta de trez, o diabo fez.

—Hasde fallar aquando ás galinhas.

—Escorregar não é cahir, é meio caminho andado.

—Berimbau é gaita.

—Sabe que nem gaita.

—Março, março, março pela manhã cara de menino, ao meio dia cara de rainha e a noite como fouchinha.

—Doutor de lareira.

—O casamento e a mortalha no ceu se talha.

—João bolandrão, engathe o menino e pape-lhe o pão.

—Chá de ouriços.
 —Fiar em Deus que é bom senhor.
 —A rapoza tem sete manhas e a mulher tem manha de 7 rapozas.
 —Maria vae com as outras.
 —Temos badana até à semana.
 —Dia de nevoeiro, dia de soa-lheiro.
 —Geada na lama, chuva na cama.
 —Cada pinga (de chuva) pelo S. Thiago vale um cruzado.
 —Chiça que é doce.
 —São coisas oh Rosa, causadas por ti oh Rita.
 —Perjunção e agua benta, cada qual toma a que quer.
 —Então e depois? Quem tem vaccas escusa bois.
 —Ao puto não putes, ao ladrão não furtas.
 —Não peças a quem pediu, nem sirvas a quem serviu.
 —Quem mal não faz, mal não cuida.
 —O Cagarra mora do lado d'alem.
 —Anda tudo n'uma fôna.
 —Nos santos com tres castanhas faz um magustinho e fura o teu pipinho.
 —Vae á fava em quanto pinta a ervilha.
 —Adeus homem, falle á gente e guarde o seu dinheiro.
 —Sou teu amigo, trazia-te um figo e assim que te vi comio.
 —Vi uma velha pelo muro, tremia-lhe o cú como figo maduro.
 —Merenda comida, companhia desfeita.
 —Aquelle é pobre como Jô (Job).

—Adeus derrico, quando te vejo todo me *arrequiço*.
 —Vou para o Porto acavallo n'um porco com o focinho torto.
 —Você é como os de Braga não fecha a porta.
 —Os de Braga atrancam a porta com o rabo.
 —Longe vá o agouro.
 —Assim como assim, fez-se vinagre, beba-se assim.
 —Mal vem a Portugal quando não tem tres cheias antes do natal.
 —Calvarilhão é meu irmão; o bastardo, meu cunhado; malvazia, minha thia.
 —A mulher e a sardinha, quer-se a mais pequenina.
 —Tres ao burro, e o burro no chão.
 —Nosso Senhor me ajude a beber por um pipo de almude.

Aldolpho	por	Adolpho
Albertolo	»	Alberto
Alfuredo	»	Alfredo
Arthurio	»	Arthur
Barbora	»	Barbara
Bertholomeu	»	Bartholomeu
Cathrina	»	Catharina
Calros	»	Carlos
Arnesto	»	Ernesto
Alifonso	»	Ildefonso
Sargio	»	Sergio
Tareza	»	Thereza

Estes nomes são pronuncia-dos como vão escriptos na primeira columna.

J. J. Gonçalves Pereira.

Collecção Silva Vieira

Serie de 10 volumes 600 reis